

SESSÕES DO PLENÁRIO

6ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 21 de março de 2025.

PRESIDENTE: DEPUTADO EUCLIDES FERNANDES (ad hoc)

O Sr. PRESIDENTE (Euclides Fernandes): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial de outorga da Comenda Dois de Julho ao Sr. Wilson Alves de Souza, desembargador do Tribunal Regional Federal da 1ª Região, nos termos da Resolução nº 2.170/2025, conforme proposição de autoria do deputado estadual Euclides Fernandes.

Para compor a Mesa dos trabalhos desta sessão especial, tenho o prazer de convidar o Cerimonial da Assembleia Legislativa e o deputado Luciano Simões Filho para conduzirem o homenageado.

(O homenageado é conduzido ao Plenário.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Euclides Fernandes): Para compor a Mesa dos trabalhos desta sessão especial, eu tenho a satisfação de convidar o Sr. José Alfredo Cerqueira da Silva, desembargador e segundo-vice-presidente do Tribunal de Justiça da Bahia; o deputado estadual Luciano Simões Filho; o Sr. Pedro Maia Souza Marques, procurador-geral da Justiça do estado da Bahia; o Sr. André Luiz Batista Neves, procurador da República, representando o Ministério Público Federal; a Sr.ª Sandra Lopes Santos de Carvalho, juíza federal, diretora do Foro Bahia; o Sr. Carlos d'Ávila Teixeira, juiz federal; a Sr.ª Pilar Célia Tobio de Claro, desembargadora e corregedora das comarcas do interior do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia; a Sr.ª Manoela Augusta Martins Rodrigues Dourado, jurista e desembargadora do Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro; o Sr. Raimundo Sérgio Sales Cafezeiro, desembargador do Tribunal de Justiça da Bahia; o Sr. José Soares Ferreira Aras Neto, desembargador e representante da Corregedoria-Geral do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia; o Sr. Julio Cezar Lemos Travessa, presidente da Amab e desembargador do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia; e o Sr. João Glicério de Oliveira Filho, coordenador do programa de pós-graduação da Ufba. (Palmas)

Neste momento, em homenagem à nossa pátria, ouviremos a execução do Hino Nacional. Todos de pé, por gentileza.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Euclides Fernandes): Na condição de proponente deste projeto de resolução para homenagear o desembargador Wilson Alves de Souza, passo os trabalhos, enquanto eu vou fazer a saudação, ao nobre e querido deputado estadual Luciano Simões.

(O deputado Luciano Simões Filho assume a presidência da Mesa.)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho): A partir de agora, eu faço o meu pronunciamento.

O Sr. LUCIANO SIMÕES FILHO: Bom dia a todos.

(Lê) “Em primeiro lugar, gostaria de parabenizar o amigo e grande deputado Euclides Fernandes pela iniciativa em conceder a Comenda Dois de Julho a uma pessoa com a qualidade do desembargador Wilson Alves de Souza.

Que alegria deve tomar conta do seu coração, amigo!

O menino, filho de Seu Esperidião e D. Antônia, que cursou as primeiras séries ainda na década de 1950, no Colégio Estadual Osvaldo Cruz, na sua querida Riachão do Jacuípe, imaginava galgar as escadarias do Direito e da magistratura, e estaria, hoje, com a sua família e todos esses amigos.

Que filme, amigo, passa agora na sua cabeça?! O filme das nossas vidas, desembargador, com a única certeza de que Deus quer que ainda estejamos aqui e cumpramos a nossa trajetória pela vida fazendo e praticando o bem. A sua, então, meritíssimo, é uma trajetória brilhante como acadêmico, professor, jurista e magistrado.

Levaste ao pé da letra o refrão do Hino de Riachão de Jacuípe:

‘(...) Os Jacuipenses estudando e trabalhando

Ajudando o progresso da Nação

Sempre juntos de mãos dadas...’

Sim, ‘juntos’ é uma palavra referência em minha vida e, tenho certeza, desembargador, também na sua. Sozinhos, não somos nada e não vamos a lugar algum.

Sem seus pais, seus irmãos, seus familiares, seus professores, seus colegas forenses, seus amigos, caríssimo desembargador, provavelmente o senhor não teria construído esta brilhante carreira, repleta de títulos e qualificações.

É uma vida marcada pela educação. É um mestre ajudando centenas de moças e de rapazes a se transformarem em novos difusores do conhecimento, como Gaia de Souza, Hiolanda Silva, Efon Batista, Técio Spínola, Carliane de Oliveira e tantos outros e outras, submetidos ao seu crivo em bancas examinadoras de mestrado e doutorado.

Só por esse papel, o de educar, o de repassar os seus conhecimentos a outras pessoas, inclusive aos seus filhos, a promotora pública do quadro do Ministério Público da Bahia, Vera Leilane, a Leilinha; o nosso querido juiz do Tribunal de Justiça da Bahia, Valnei Souza, meu colega de faculdade; e Wagner Souza, torcedor apaixonado do ‘Bahêa’, antes da qualificação de juiz federal do TRF da 1ª Região, o senhor merece todos os méritos desta justa homenagem que lhe prestam os 63 deputados da Assembleia Legislativa da Bahia.

Não é nenhum favor, mas reconhecimento e gratidão.

Ao mestre, sempre todo o nosso carinho.

Fui também colher algumas de suas sentenças, desembargador. Uma dessas sentenças determina o seguinte: ‘Servidora com epilepsia deve trabalhar próxima à família’. Outra sentença foi: ‘Universidade pública não pode cobrar pela expedição

de diploma'. Uma outra foi: 'Escolas sem fins lucrativos não têm de pagar imposto de importação de computadores.'

Esses são alguns exemplos que mostram a retidão de um homem justo, que realmente praticou, em toda a sua militância forense, a boa justiça.

Celebre bastante com sua esposa, D. Jô, que nasceu no mesmo dia que o seu; com os seus filhos Valnei, Wagner e Leilinha; com as suas noras Joana e Nara; com o seu genro Ivan; e com os seus abençoados netos Arthur, Matheus, Lucas, Laura, Tiago e Ravi.

Celebre com os seus familiares e com os seus amigos de Riachão, além de torcedores, como o senhor, do Jacupa. Mas não vamos falar de campeonato baiano.

Parabéns, desembargador Wilson Alves de Souza!

A Comenda Dois de Julho está muito bem assentada em vosso peito.

Muito obrigada.” (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho): Com a palavra o ilustre deputado Euclides Fernandes, autor desta comenda.

O Sr. EUCLIDES FERNANDES: Nossas saudações a todos os presentes.

Após a saudação feita pelo deputado Luciano Simões, que foi aluno, no curso de Direito, do nosso homenageado, Wilson de Souza, faço o meu discurso.

Quero ainda saudar todos os membros da Mesa Diretora, apesar de já lhe terem sido feitas essas saudações quando convocados para compor a Mesa. Saúdo o deputado Luciano Simões Filho, no exercício da presidência desta sessão especial; o Sr. José Alfredo Cerqueira da Silva, desembargador e vice-presidente do Tribunal de Justiça da Bahia; o Sr. Pedro Maia Souza Marques, procurador-geral de Justiça do estado da Bahia; o Sr. André Luiz Batista Neves, procurador da República e representante do Ministério Público Federal; o Sr. Carlos d'Ávila, juiz federal; a Sr.^a Pilar Célia Tobio de Claro, desembargadora corregedora das comarcas do interior do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia; a Sr.^a Manoela Augusta Martins Rodrigues Dourado, desembargadora do Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro; o Sr. Raimundo Sérgio Sales Cafezeiro, desembargador do Tribunal de Justiça da Bahia; o Sr. José Soares Ferreira Aras Neto, desembargador e representante da Corregedoria-Geral do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia; o Sr. Julio Cezar Lemos Travessa, presidente da Amab e desembargador do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia; o Sr. João Glicério, coordenador do programa de pós-graduação da Ufba; e o nosso homenageado, o Sr. Wilson Alves de Souza, desembargador do Tribunal Regional Federal da 1^a Região.

Envio a nossa saudação a todos os presentes e, evidentemente, a todos os magistrados presentes.

(Lê) “Senhoras e senhores, o tema desta sessão é a concessão da Comenda Dois de Julho a uma figura que, em sua envergadura profissional, ombreia, em dimensão histórica, com o Judiciário da Bahia, pois é o primeiro tribunal do continente, instalado em 1609, com o nome de Tribunal de Justiça das Américas.

O órgão, que se chamava ‘Tribunal da Relação do Estado do Brasil’, tinha a função de atuar de forma colegiada para diminuir os poderes dos ouvidores do Brasil. Foi instalado em 1609 no Palácio Rio Branco, na cidade de Salvador. Em 1751, passou a se chamar ‘Tribunal da Relação da Bahia’ e somente adquiriu a denominação ‘Tribunal de Justiça’ com a Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 1946.

O Brasil nasceu na Bahia, também pioneira na criação de um tribunal de justiça. Sem dúvida que alguém com o vasto e brilhante currículo do desembargador Wilson Alves de Souza, integrante do Tribunal Regional Federal da 1ª Região desde o ano de 2019, merece absolutamente ostentar, em seu leque de homenagens recebidas ao longo de sua longa carreira, a mais elevada honraria desta Casa e da Bahia, a Comenda Dois de Julho.

O início desta fulgurante carreira no Judiciário baiano acontece ainda em sua terra natal, a querida Riachão do Jacuípe, cidade onde nasceu em 1953. Logo aos 22 anos de idade, o jovem estudioso ingressara no curso da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia.

A paixão pelo Direito e pelos ideais de justiça ficaram evidentes logo durante a graduação, quando o nosso homenageado concluiu o curso sendo laureado com diploma de honra ao mérito pela citada instituição de ensino da Ufba.

A avidez pelo saber jurídico o levou a mergulhar, cada vez mais, nos estudos, não hesitando em subir degrau por degrau na busca de uma formação sólida e das titulações mais destacáveis.

Aquele garoto tranquilo do município de Riachão do Jacuípe, graças ao amor pelos livros, se tornou mestre em Direito Econômico pela Universidade Federal da Bahia. Chegou a doutor em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Universidad del Museo Social Argentino, de Buenos Aires. Tornou-se, ainda, especialista em Processo Civil pela Ufba; e pós-doutor em Direito Processual Civil pela Universidade de Coimbra, em Portugal.

Atuou também como professor convidado da Faculdade de Direito de Buenos Aires; sendo ainda professor titular de Teoria Geral do Processo e de Direito Processual Civil da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. Foi também coordenador do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia.

No exercício da advocacia por mais de 12 anos, o mais novo detentor da Comenda Dois de Julho também espalhou os seus saberes. Foi procurador do trabalho do estado da Bahia; foi procurador da Fazenda Nacional do município de Salvador e do estado do Rio de Janeiro; e juiz federal da 7ª Vara da Bahia. Wilson Alves de Souza foi, ainda, diretor do Foro da Seção Judiciária da Bahia; juiz do Tribunal Eleitoral da Bahia; e juiz convocado do Tribunal Regional Federal da 1ª Região por 5 anos.

O homenageado desempenhou também o cargo de juiz convocado pela Câmara Regional Previdenciária da Bahia. Em 2019, Wilson Alves de Souza foi nomeado desembargador do Tribunal Regional Federal da 1ª Região.

Tamanha experiência no exercício do direito e na função pública não poderiam deixar de ser condensadas em livros. O desembargador Wilson Alves de Souza é autor de nove livros de lavra própria e mais 20 em coautoria, além de dezenas de artigos publicados.

Por toda esta exposição de conquistas e saberes, desembargador, como proponente desta sessão, devo dizer que a Assembleia Legislativa da Bahia, na totalidade dos meus 62 pares, reitera o grande orgulho desta Casa do Povo em lhe conceder a nossa maior honraria, a Comenda Dois de Julho. Dois de Julho que é o símbolo da nossa altivez, da nossa liberdade, da nossa verdadeira independência.

Esta comenda está justamente aposta em seu peito, desembargador, processualista, guardião da lei e da justiça, garantidor do Estado democrático de direito. Em toda a sua trajetória forense, o nosso homenageado é um distribuidor da boa justiça, seguindo a lição do mestre baiano Ruy Barbosa: ‘Com os mais miseráveis é que a Justiça deve ser mais atenta, e redobrar de escrúpulo; porque são os mais mal defendidos, os que suscitam menos interesse, e os contra cujo direito conspiram a inferioridade na condição com a míngua nos recursos.’”

Tenho a mais absoluta certeza de que os seus pais, Seu Esperidião e D. Antônia, mesmo em outra dimensão, estão exultantes com a sua trajetória de vida e de magistratura, caro desembargador. Congratulações neste dia especial à sua esposa, D. Jô, companheira por toda essa jornada vitoriosa. Parabéns aos seus filhos, os também grandes magistrados, os juízes Valnei e Wagner; à sua filha, do Ministério Público, Leilinha; suas noras Joana e Nara; o seu genro Ivan; e seus netos que iluminam ainda mais a sua existência: Arthur, Matheus, Lucas, Laura, Tiago e Ravi.

Santa Dulce nos abençoe e o Senhor do Bonfim nos proteja!

Um grande abraço a todas e todos. Muito obrigado.” (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Luciano Simões Filho): Devolvo a presidência ao deputado Euclides Fernandes para a conclusão da sessão.

(O deputado Euclides Fernandes reassume a presidência.)

O Sr. PRESIDENTE (Euclides Fernandes): Dando continuidade a esta sessão solene em homenagem ao nosso desembargador do Tribunal Regional Federal da 1ª Região, nós queremos registrar a presença aqui das pessoas que vieram comungar com esse momento lindo e maravilhoso da homenagem que a Bahia, por meio da Assembleia Legislativa, faz ao nosso desembargador Wilson Alves de Souza.

Quero registrar a presença do Sr. Salomão Resedá, desembargador do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia; da Sr.^a Marielza Brandão Franco, desembargadora do Tribunal de Justiça da Bahia; da Sr.^a Maria de Fátima Silva Carvalho, desembargadora do Tribunal de Justiça da Bahia; do Sr. Mário Augusto Albiani Alves Júnior, desembargador do Tribunal de Justiça da Bahia; do Sr. Daniel Santos Rocha Sobral, presidente da Associação de Juízes Federais do Piauí; Sr. José Nilson Rodrigues, amigo do Rio de Janeiro; Sr.^a Paula Moraes, juíza federal; Sr.

Henrique Gouveia de Cunha, juiz federal do Distrito Federal; Sr. Régis de Souza Araújo, juiz federal; Sr.^a Luíza Lima, presidente da Associação dos Juízes Federais da Bahia; Sr. Agenor Calazans, desembargador do Tribunal Regional Federal 1; Sr.^a Mei Lin, juíza federal do Tribunal Regional Federal 1; Sr.^a Renata Isaac, juíza federal do Tribunal Regional Federal 1; Sr. Eudócio Paes, juiz federal do Tribunal Regional Federal 1; Sr. Carlos Artur Pires, promotor de Justiça; Sr.^a Juliana Damasceno, diretora e professora da Ufba; Sr.^a Silvana Bandeira Melo, advogada; Sr.^a Marlene Pinho, advogada; Sr. Pedro Lisboa; advogado; Sr. Marcelo Abdon, tenente, representante do comandante-geral do Corpo de Bombeiros Militar da Bahia, coronel Adson; e o ex-deputado estadual Miguel Abraão.

Feito o registro dos nomes das pessoas que vieram abraçar, aqui, neste momento de grande homenagem, o nosso desembargador.

Mas, dando continuidade a esta sessão solene, nós vamos, então, passar a palavra ao nosso juiz federal, que fez questão de estar presente nesta sessão para homenagear o nosso desembargador Wilson, que é o nosso juiz federal Carlos d'Ávila, representando a Justiça Federal. Vamos lá. (Palmas)

O Sr. CARLOS D'ÁVILA: Quero saudar todos os presentes na pessoa do deputado Euclides Fernandes; do homenageado, desembargador Wilson Alves de Souza; do desembargador Antônio Ezequiel, do nosso tribunal; da diretora do Foro, Dr.^a Sandra Lopes; e demais colegas: desembargadores estaduais, juízes, promotores, deputados.

Minhas senhoras e meus senhores, eu vou me poupar da leitura nominal, da nominata das autoridades, porque isso nos rouba um tempo que deve ser dedicado mais à homenagem à figura central, que é aquele que vai receber esta honraria: a Medalha Dois de Julho, outorgada pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.

Neste momento, não é possível falar aqui sem lembrar um pouco da história do homenageado. Algumas pinceladas biográficas já me precederam e isso facilita em muito a tarefa de inovar na exposição de traços da vida de Wilson. Mas é importante lembrar que um filho de Riachão do Jacuípe, filho de Seu Esperidião Alves de Souza e de D. Antônia Ferreira de Jesus, marido de Josefa da Mota Silva e pai de meu colega Wagner, do juiz de direito Valnei e da promotora de justiça Vera, com seus respectivos cônjuges...

A presença maciça dessa criançada, que são seus netos, e eu ilustro a presença do mais novo, que é o Ravi, um nome indiano muito bonito, por sinal, e dos gêmeos, dos quais a única neta nasceu dessa fornada... Isso dá ao ambiente solene uma quebra muito bacana do chamado protocolo formal. Traz a família à presença de todos estes que aqui estão para homenagear o Wilson. Então, é o filho, o pai, o marido, o avô, o amigo que está sendo homenageado, o cidadão de Jacuípe, de Riachão do Jacuípe, torcedor do Jacuipense.

Eu também vou evitar falar sobre o campeonato baiano, mas é um time que tem brilhado muito, que está lá sempre disputando. Não é um time fraco, não é um time medíocre. E tem o Santos Futebol Clube, outro time de Wilson, time de Pelé e de tantas outras figuras marcantes no futebol nacional e internacional.

Wilson sempre foi caracterizado como um homem de estudo, um homem que se dedicou ao estudo, se dedicou às letras, se dedicou a aprender. E para aprender ele sacrificou a maior parte do seu tempo útil. Mas o destino às vezes é cruel, mesmo para os grandes estudiosos. O seu pai, Esperidião, que tinha o apelido de Dudu dos Patos, era dono de um comércio em Riachão do Jacuípe, esse comércio era uma venda, também conhecido como mercearia, no popular, uma bodega. E era dali que Seu Esperidião sustentava a família.

Mas Seu Esperidião caiu doente e teve de vir removido para Salvador para tratar da sua saúde. E o filho mais velho de Esperidião e D. Antônia era Wilson, que estava pronto para vir para Salvador para prestar o vestibular, pronto para seguir os estudos, mas teve que dar uma parada na sua vida para assumir o comércio do pai e manter a sua família.

Então, de uma hora para outra, o que era o estudioso se torna o arrimo da família. E com o seu trabalho, com a sua dedicação, esse ato durou 3 anos sem estudos, sem a disputa, digamos assim, de um lugar ao sol. Ele até pensou em desistir, mas os seus parentes, a sua mãe, o seu próprio pai, disseram: “Não, vá atrás do seu sonho”.

Passou no vestibular da Ufba. Naquele tempo só existiam duas universidades com o curso de Direito: a Universidade Federal da Bahia e a Universidade Católica do Salvador. Não havia essa quantidade, essa pletora de faculdades de Direito que nós temos hoje. E se formou em 1979 com láurea, ou seja, homenageado como um grande e bom estudante dentro da sua turma.

Vou evitar fazer o apanhado, digamos assim, de todos os títulos que ele conquistou, mas foi advogado, foi procurador, foi juiz e foi professor. A síntese de um homem que estuda se concentra na sua profissão e na capacidade de transmitir conhecimentos àqueles que são seus alunos.

Wilson conseguiu transformar a sua sala de aula num prolongamento da sua própria alma; e conseguiu transformar também o seu gabinete, a sua mesa, a sua toga numa ferramenta de trabalho.

Ser juiz num país como o nosso – e nós estamos aqui com a sala repleta de juízes, de magistrados e magistradas – é uma tarefa difícilíssima, é uma tarefa hercúlea, é uma tarefa, eu diria, de uma grande epopeia. Primeiro, porque ela é solitária; o juiz, ele não forma concílios, ele não forma conclaves, ele não se associa com ninguém para saber como decidir, ele tem que decidir, ele não pode jogar pelo empate. Ou é vitória ou é derrota. Ele tem que ser sempre a voz que, ao militar pela verdade, impõe o direito acima de tudo.

Wilson foi e ainda é juiz federal da Bahia. Hoje é desembargador no Tribunal Regional Federal da 1ª Região lá em Brasília, esse tribunal enorme açambarca mais de 14 estados, 14 unidades da Federação, e se libertou, recentemente, do estado de Minas Gerais. Espero eu que, com a proteção de todos os orixás, santos e forças da Bahia, a Bahia também tenha o seu próprio tribunal regional federal. Essa é uma luta que nós vamos travar. (Palmas)

Wilson foi juiz na única vara agrária do estado da Bahia, especializada em matéria agrária. Nessa jornada de mais de 20 anos, ele enfrentou conflitos de terra,

movimentos de sem-terra, invasores, grileiros, problemas fundiários de toda ordem. Sempre se manteve firme, digno, honesto e correto.

Antes de entrar na magistratura, eu fui advogado e fui chefe da Procuradoria Jurídica da Caixa, recordo-me que, numa determinada época, recebemos uma ordem da 7ª Vara da Bahia, assinada pelo Dr. Wilson, mandando liberar uma conta de FGTS de uma determinada cidadã. O superintendente da Caixa, então, disse: “Não, não vamos poder liberar, não. Não vamos poder liberar”, e ele mandou me chamarem. Eu estava na chefia e disse: “Olha, tem que liberar”. Ele respondeu: “Não, não vou liberar, não”. Eu disse: “Olha, isso vai dar imbróglio, isso vai dar problema.”

O fato é que Dr. Wilson, com o seu próprio punho escritor, ao saber que a Caixa Econômica Federal não iria cumprir uma ordem sua, escreveu em uma folha de papel, com a sua letra, que aquilo era um absurdo, que aquilo era uma insolência, que aquilo era uma prevaricação, que o crime de desobediência é permanente, que o estado de flagrância é materializado pela conduta, e determinou a prisão, por ordem, do superintendente da Caixa Econômica; se ele não estivesse, do subchefe; e se o sub não estivesse, o chefe do setor jurídico (eu). (Risos)

Em pouquíssimo tempo, o prédio da Caixa Econômica, na Rua da Ajuda, estava cercado de viaturas da Polícia Federal (PF). E a PF sabe fazer uma boa exibição de sua força. Policiais saltaram com metralhadoras, com fuzis e o escambau, e entraram no prédio. Quando eu soube... “Estão vindo!” O chefe havia se mandado, o subchefe havia se mandado, eu era o único que havia ficado. Eu disse: “Eu vou ser preso!” Aí eu chamei o delegado da Polícia Federal que iria me prender e disse: “Companheiro, a ordem já está cumprida”. (Risos) E ele disse: “Não, tudo bem, tudo bem”. Saiu e, na mesma hora que ele acabou de sair, eu peguei o telefone, liguei para o gerente e disse: “Libere agora, porque eu já disse que está liberado, então é para liberar agora, porque senão...”

Vejam só, essa é uma medida exata de como deve agir um magistrado, um homem de bem. Ordem judicial não se discute, é para ser cumprida. Se tiver alguma coisa errada na ordem judicial, existe o recurso, mas cumprir é uma obrigação de qualquer homem, de qualquer pessoa, de qualquer destinatário de uma ordem judicial.

Wilson chega a Brasília como desembargador depois de passar anos na Bahia, numa trajetória brilhante, numa trajetória em que ele, não por poucas vezes, foi obrigado a dar tudo de si para ser um bom professor, para ser um bom pai de família, para ser um bom magistrado. Dividia em tantas funções sem jamais faltar ao serviço, sem jamais deixar de realizar uma audiência, sem jamais deixar de assinar uma decisão, sem jamais deixar de cumprir o seu dever.

Se temos hoje uma Justiça Federal honrada e séria, se temos hoje um braço do Poder Judiciário que enche de orgulho a Bahia, isso se deve a homens como Wilson Alves de Souza, que souberam ter uma carreira reta, leal, digna e honrada. (Palmas) Jamais respondeu a qualquer tipo de aleivosia, crítica ou ataques massivos.

Hoje a magistratura recebe pancada de tudo quanto é lado, somos a bola da vez, vamos assim dizer, nos transformamos em vidraça. Mas não podemos nos

esquecer que juiz, juíza, tribunal são apenas órgãos; dentro desses órgãos, existem pessoas; e, dentro das pessoas, existe a humanidade presente.

É por ser Wilson o homem que ele é, o ser público que ele sempre foi, que honrou e honra seus amigos, seus colegas, seus concidadãos, sua cidade querida de Jacuípe, é por ser esse homem tão importante, que ele está recebendo essa grande honraria. O 2 de Julho nos remete à data em que nós baianos, depois de termos espalhado por este chão o nosso sangue – milhares e milhares de baianos mortos em combate –, garantimos que o Brasil se tornasse independente. É este brilho de sangue e glória que é entregue no peito de um homem honrado.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Euclides Fernandes): Dando continuação a esta sessão especial em homenagem ao desembargador Wilson Alves de Souza, peço vênica para registrar mais algumas presenças que vieram trazer um abraço ao nosso homenageado, homenageado do povo da Bahia, por meio da Assembleia Legislativa: Sr. Franco Bahia, diretor-geral da Defensoria Pública; Sr. Antônio Ezequiel da Silva, desembargador federal aposentado do Tribunal Regional Federal da 1ª Região; Sr.ª Nildes Carvalho, presidente da Associação Brasileira de Defesa dos Direitos Previdenciários; Sr.ª Dayana Bião, juíza federal do Tribunal Regional Federal da 1ª Região; Sr. Roberto Gomes, promotor de Justiça e corregedor administrativo do Ministério Público; Sr.ª Ana Paula Coité, promotora de Justiça; Sr. Felipe Sales, vice-prefeito da cidade de Riachão do Jacuípe, que veio aqui trazendo de lá a presença do povo de Jacuípe; Sr. Eugenio Mascarenhas de Carvalho, um amigo; Sr. Bruno Coêlho, tabelião; Srs. Edvaldo Santana, Renê Almeida e Alex Gomes, vereadores do município baiano de Maracás; e Sr. Agenor Calazans, desembargador do Tribunal Regional do Trabalho da 5ª Região.

Recebemos uma correspondência do nobre deputado estadual desta Assembleia Legislativa da Bahia e aqui passo a ler para os senhores.

(Lê) “Eu, deputado estadual Júnior Nascimento, venho primeiramente pedir desculpas ao proponente da sessão, deputado Euclides Fernandes, assim como ao homenageado, meu amigo desembargador do Tribunal Regional Federal da 1ª Região, o Sr. Wilson Alves de Souza, pela minha ausência neste momento tão importante na vida desse grande amigo, ausência justificada pelo compromisso de atender, em nossa atuação política, as demandas de nossas bases eleitorais por todo o estado da Bahia. Sendo assim, parabenizo o futuro comendador Sr. Wilson Alves de Souza, a quem deixo o meu cordial abraço.

Atenciosamente, deputado Júnior Nascimento.”

O Sr. PRESIDENTE (Euclides Fernandes): Só não foi o futuro comendador, porque agora está aprovado pela Assembleia Legislativa e vai receber o título daqui a mais uns instantes. Não é o futuro, é o atual comendador da Bahia Wilson Alves de Souza.

Neste momento, eu tenho o prazer e a satisfação de fazer a entrega, no âmbito do Poder Legislativo da Bahia, da Comenda Dois de Julho ao desembargador Wilson Alves de Souza, do Tribunal Regional Federal da 1ª Região. (Palmas)

Primeiro, eu sou admirador do pai que Wilson Alves Souza é, como ele cuidou bonito da família. Tem um filho que é juiz, Valnei; tem outro que é juiz, Wagner; tem uma que é do Ministério Público, Leilane. Gente, que coisa linda! Não tenha dúvida. Eu faço questão de convidá-los... evidentemente, a esposa D. Josefa, aquela companheira firme, do dia a dia, dos momentos bons, dos momentos ruins, vocês da família cheguem aqui para podermos entregar a comenda. (Palmas)

E os netos também, o futuro da família. (Risos)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Euclides Fernandes) (fora do microfone): E agora, para a entrega do diploma, convido os filhos Valnei, Wagner e família.

(Procede-se à entrega do diploma.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Euclides Fernandes): Agora, o momento principal: a fala do nosso homenageado. Com a palavra o nosso homenageado, o comendador Wilson Alves de Souza.

O Sr. WILSON ALVES DE SOUZA: Bom dia a todos e todas!

Eminentes componentes da Mesa, deputado Euclides Fernandes; deputado Luciano Simões Filho; desembargador José Alfredo Cerqueira da Silva; procurador-geral de Justiça do estado da Bahia, Pedro Maia Souza Marques; procurador da República André Luiz Batista Neves; juiz federal Carlos d'Ávila; desembargadora Pilar Célia Tobio de Claro; desembargadora eleitoral do TRE do Rio de Janeiro Manoela Dourado; desembargador do Tribunal de Justiça da Bahia Raimundo Sérgio Sales Cafezeiro; desembargador José Soares Ferreira Aras Neto, representando a Corregedoria-Geral do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia; presidente da Amab, o desembargador do Tribunal de Justiça Julio Cezar Lemos Travessa; professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Direito da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, João Glicério, eu tinha duas opções, fazer um discurso lido ou um discurso meio improvisado. Um discurso improvisado sempre é um risco, que o diga o presidente Lula. Para não ficar tão improvisado aqui, eu fiz algumas anotações, mas vou falar de improviso porque já me disseram que quem fala de improviso fala mais com o coração.

Então, além dos que eu aqui saudei, quero saudar todos os meus familiares e, em geral, colegas de todas as estirpes, da universidade, colegas de turma, tem ali um colega de turma meu, o Pedro, colega de faculdade, de mesa, de banca escolar, que estão aqui presentes, creio que representam toda a minha turma de faculdade, os funcionários e funcionárias que estão aqui presentes; e, em resumo, todos os meus amigos e parentes que estão aqui.

Eu quero registrar um fato muito importante: nessa Mesa tem João Glicério, Luciano Simões, Pedro e Aras, que foram meus alunos na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. Muitos colegas juízes federais estão aqui, e muitos deles foram meus alunos. Quero também registrar outro fato importante: todos os meus três filhos foram meus alunos. Muitos dos que estão aqui presentes e são colegas meus hoje tanto na universidade quanto na Justiça Federal, onde eu já tenho também ex-aluno desembargador, colega meu lá, também foram meus alunos.

Portanto, eu quero fazer essa saudação – estou na saudação ainda – começando por esses registros.

Muito bem, o pessoal da Filosofia diz, costuma dizer, porque é uma frase de um autor não muito conhecido, e parece que a frase se generalizou, que a felicidade não existe, o que existe são momentos felizes. Nesse contexto da felicidade, se existe ou não, se ela é representada pelos momentos felizes, eu também quero dizer que a vida imita a arte e a arte imita a vida, que a vida é alimentada pela arte e a arte também alimenta a vida.

Nessa relação de vida e arte, eu quero fazer aqui uma citação, uma menção, para representar este momento. E o aspecto da arte ao qual eu quero aqui me reportar é uma canção, uma música, e a canção se chama El 19 (O 19), é um bolero. É um bolero interpretado por Alberto Beltrán, a composição é de um autor também dominicano, mas a interpretação é de Alberto Beltrán, e eu quero aqui parafrasear esse bolero para dizer que o 19 é o 21, hoje, 21 de março de 2025.

Esse bolero diz o seguinte: (Lê) “Olha o que eu quero te dizer..”, na tradução, porque é em espanhol e traduzir poesia é sempre muito complicado. Mas eu vou tentar traduzir e declamar aqui: (Lê) “Olhe o que eu quero te dizer / Há datas na vida que nunca poderemos jamais esquecer...” Está pleonástico, né? “Nunca”, “jamais”, mas os poetas fazem assim, têm o direito de fazer pleonasmos.

(Lê) “(...) Esta, bem sabes alma minha, a levarei guardada em meu ser como ontem / Este 19...”, que aqui parafraseei como 21, “(...) será uma lembrança que viverá em mim, este dia feliz, tão feliz.”

É um bolero, não sei se esse bolero é um bolero romântico, não sei se tem outras conotações, eu só sei que ele se encaixa perfeitamente no que eu quero aqui expressar para todos vocês e todas vocês hoje.

O momento, para mim, é de agradecimento e quero começar os meus agradecimentos fazendo um todo especial ao deputado Euclides Fernandes.

Para que vocês tenham uma ideia da iniciativa desse projeto, é preciso que vocês saibam que eu não conhecia pessoalmente o deputado Euclides Fernandes, nem ele a mim. As pessoas podem imaginar: por que esse deputado apresentou essa proposta? Eu sinceramente não sei. Por razões pessoais, de aproximação, de amizade, é que não foi porque eu não o conhecia.

Eu conheci o deputado Euclides Fernandes pessoalmente na quarta-feira porque fiz questão de vir aqui, na Assembleia, para agradecer pessoalmente a ele antes desta sessão. Era o mínimo que eu poderia fazer. E isso eu quero registrar, esse fato para mim é muito importante, se ele teve a iniciativa, é porque viu alguma coisa, foi informado sobre alguma coisa.

Talvez ele tenha obtido informações de Valnei porque Valnei foi juiz de Jequié, e o deputado é do Rio Grande do Norte, mas só de nascimento, porque ele é baiano por essência, jequieense. Ele teve também oito legislaturas como vereador e está no quinto mandato de deputado estadual, ou seja, é um homem dedicado à política, que é uma das funções mais nobres que podemos realmente exercer.

Por mais que a política seja execrada, não podemos execrar a política e nem podemos também execrar os políticos porque só se faz política com políticos. O que

temos que fazer é procurar com que os políticos ruins realmente mereçam o que devem merecer. Mas os políticos do bem, como o deputado Euclides Fernandes, querido aqui, pude perceber na Assembleia, um deputado eficiente e muito querido nesta Casa, eu pude perceber isso aqui nos momentos em que passei por alguns corredores com alguns colegas...

Ele tem identificação comigo por um fato: é um profissional da educação, é professor também, é um profissional da educação. Isso também é um ponto que deve ser considerado.

Então, deputado Euclides Fernandes, meu agradecimento eterno, minha gratidão pela sua iniciativa, porque, sem iniciativa, não tem projeto e sem projeto não tem comenda. É preciso deixar claro.

Quero agradecer a todos os deputados que aprovaram essa comenda, sem rejeição, não é, deputado? Creio que ninguém votou contra, portanto, quero também agradecer a esta Casa.

Esta comenda, meus amigos e amigas, ela é muito importante para um cidadão que a recebe, é a mais alta honraria que a Casa do Povo da Bahia concede a cidadãos que ela entenda que deva merecer. Foi instituída em 1999, tem um nome, talvez o nome de maior peso na vida baiana, que é “Dois de Julho”.

O 2 de Julho, como todos nós baianos sabemos... Infelizmente nem todos os brasileiros sabem o que é o 2 de Julho, mas esta foi uma data vital para a Bahia e vital para o Brasil. O 2 de Julho não é considerado a data da Independência do Brasil por conta de fatores que nós aqui bem sabemos, fatores culturais, fatores econômicos, fatores ideológicos, fatores, portanto, de um estado cujo povo deu a vida, naquele momento difícil, para que o Brasil pudesse, efetivamente, ser independente.

É preciso lembrar que 2 de julho de 1823 foi o resultado final. Em fevereiro de 1822, a luta já teria começado, alguns historiadores afirmam que, só nos 3 dias de início do combate, mais de 300 pessoas morreram. Curiosamente os historiadores não afirmam, tentei verificar isso, quantas pessoas morreram ao final do conflito, mas dá para se ter uma ideia.

Segundo o professor Luís Henrique Dias Tavares, da Universidade Federal da Bahia, do Departamento de História, um dos maiores historiadores do Brasil, em um dos seus livros, porque são muitos, afora o famoso Independência da Bahia... No livro Independência do Brasil na Bahia, ele nos diz e nos revela que o 7 de setembro, com todo o respeito pelo 7 de setembro, é uma data simbólica. A independência do Brasil se fez e se construiu aqui à custa de sangue, suor e lágrimas do povo baiano.

Isso representou dificuldades imensas para a economia baiana. Portanto, a Bahia se doou ao Brasil. É verdade que alguns apoios vieram, mas a maioria deles, curiosamente, dos estados do Nordeste brasileiro, de maneira que, com esses dados de natureza histórica, que são breves, eu quero aqui apenas mencionar o que disse Luís Henrique Dias Tavares, abro aspas:

(Lê) “Foram meses e meses que eles ficaram em trincheiras cavadas nas terras de Santo Amaro, São Francisco do Conde,...”, tudo a partir, doutor Carlos d’Ávila,

de Cachoeira, e ali, sim, se construiu o estado baiano, porque Salvador estava ocupada pelos portugueses, então o governo se formou em Cachoeira.

(Lê) “(...) terras que com qualquer chuva viram lama, e que aí foram tomados de carrapatos, de bichos-de-pé, da cabeça aos pés. Assaltados pela tuberculose, impaludismo, tifo, todas essas doenças tomaram os nossos soldados, vitimaram muitos deles. Avançaram para chegar à cidade do Salvador, tomaram os altos do Pirajá e avançaram na Baía de Todos os Santos, começando de Itapagipe, conquistando o Rio Vermelho, do Rio Vermelho alcançando a Barra, um exército de esfarrapados, de homens famintos...

(...)

Essa é uma construção de muitos e muitos anos após o 2 de julho de 1823. A Bahia saiu muito pobre da guerra, pois durante longo período ficou sem possibilidades de continuar o seu comércio, enquanto gastava recursos para formar aquelas tropas, aqueles batalhões e apoiar o exército que afinal vai chegar do Rio de Janeiro. Assim, de mãos vazias, em 2 de julho de 1823 a única coisa que a Bahia tem é justamente o 2 de julho de 1823. Naquele quadro, que na época não se pode chamar de nacional brasileiro, pois o Brasil verdadeiramente não existe ainda, o Brasil é uma demorada e castigada construção dos brasileiros, a Bahia está sem nada. E é daí que os baianos orgulhosamente construíram o 2 de julho de 1823 como uma data da independência, que era da Bahia, mas que era também, e muito, do Brasil. A construção do 2 de julho é lenta e se faz com alguns equívocos, porque a Bahia continua até hoje homenageando o general Labatut no 2 de julho, e não há a menor razão para isso. Foram os brasileiros que de fato libertaram a cidade do Salvador de armas nas mãos. Primeiro foram os brasileiros de Santo Amaro, Maragogipe, Cachoeira, São Francisco do Conde, Nazaré das Farinhas, Jaguaripe que formavam um exército de esfarrapados”.

Então, senhoras e senhores, amigos e amigas, é por essas e por outras que a Assembleia Legislativa da Bahia instituiu a Medalha Dois de Julho. É por isso que nós, baianos, comemoramos o 2 de Julho como uma festa civil e não como uma festa militar. Uma festa civil e, portanto, também cultural para que nunca saia das nossas memórias aquilo que foi feito com muito sangue, suor e lágrimas durante 17 meses. E com a vitória se edificou a independência verdadeira do nosso país.

Esta comenda, com toda essa base histórica e honrosa, é, portanto, uma comenda na qual nós temos que considerar um fato ou um elemento: quando se recebe uma comenda como esta, que fica em nosso peito, nós poderemos – se não refletirmos um pouco – nos tornar vaidosos, não é? Eu diria que fico muito alegre, muito feliz; eu diria que vaidoso eu não fico. Eu diria que é preciso que nós tenhamos e mantenhamos um ponto de vida, um princípio de vida: a humildade.

Então, eu também recebo esta comenda com humildade. E com humildade eu faço daqui uma menção a um fato histórico da Roma Antiga, porque os livros de História da Roma Antiga informam que, quando o general ganhava uma guerra, ele era homenageado e tal. Tinha toda aquela festa civil de homenagem a um militar.

Essa comparação é um pouco grosseira, porque aqui não é uma festa militar, é uma festa civil em homenagem a um civil, mas de certa maneira cabe também. Mas

o que se dizia em Roma é que, quando esse general cheio de louros, aplausos, era carregado naqueles carros fenomenais de honrarias, nas costas dele um cidadão vinha com a varinha e lembrava a ele que aquele triunfo não podia ser levado como algo de caráter absoluto porque ele não era um Deus, ele era um ser humano.

E a frase latina era mais ou menos o seguinte: “Respice post te. Hominem te esse memento. Memento mori.” Em tradução livre: “Olhe ao seu redor. Não se esqueça de que você é apenas um homem. Lembre-se de que um dia você vai morrer.”

Eu quero dizer que esta homenagem para mim é muito rica, mas eu não vou ficar vaidoso com ela, não. Vou ficar muito feliz, muito alegre, como estou aqui, claramente aparentando com meus olhos a todos que aqui estão, mas também recebo isso aqui com humildade.

Nobres colegas amigos parlamentares que assim tiveram a iniciativa e apresentaram esta comenda, eu a recebo também com responsabilidade porque ela representa um peso para mim, um peso que eu sempre carreguei, peso que nada mais é do que assumir um compromisso. Esse compromisso é de continuar a minha vida, eu ainda tenho pelo menos 3 anos para entrar nas compulsórias, tanto na universidade quanto na Justiça, e o compromisso é de manter tudo que aqui eu construí, manter isso até o fim. A caminhada, a travessia, continua e ela tem que continuar da maneira que foi aqui expressada por V. Ex.as. (Palmas)

E com isso eu já parto para os agradecimentos finais. Os agradecimentos finais indicam que a vida humana só é vida humana porque, na verdade, é convivência humana. Não existe vida humana isoladamente. Ninguém vive só. O homem que vive só – se é que isso poderia acontecer – não tem a verdadeira condição humana. A condição humana só existe pela própria convivência humana.

Então, a caminhada até aqui sempre dependeu de uma força superior a quem denominamos Deus. A Ele, todo o meu transcendental, muito obrigado e as minhas graças pelo dom da concessão da minha vida, seja a vida biológica, seja a vida construída enquanto tal.

Agradeço à memória do meu pai, Esperidião Alves de Souza, e à minha mãe, que não pôde estar aqui presente hoje, do alto dos seus 93, quase 94 anos... (O orador se emociona.) (Palmas) eles que me ensinaram as primeiras lições de ética; à memória dos meus avós; aos meus irmãos... (O orador se emociona.) (Palmas) Fernando, Antônio, Leda e Espedito. O meu pai era Esperidião e a minha mãe é Antônia.

Agradeço à minha esposa Josefa, Jô, como ela gosta de ser chamada; aos meus filhos e filha (Wagner, Valnei e Vera Leilane); às minhas noras e ao meu genro (Nara, Joana e Ivan); aos meus netos e netas (pela ordem, Arthur, que lastimavelmente está estudando em São Paulo, ele não pôde estar aqui presente, eu sei que ele gostaria de estar aqui, porque é o mais velho dos meus netos, 16 anos; Lucas; Matheus; os gêmeos Thiago e Laura; e Ravi).

Quero agradecer a todos os meus professores e professoras, desde o primário até a pós-graduação; agradecer aos meus alunos e alunas por esse Brasil afora, já falei que nessa Mesa tem vários, com eles eu sempre aprendi, eles sabem disso,

talvez eu até aprenda mais com meus alunos, porque em minhas aulas, eles sabem disto, são aulas abertas a discussões. Então, com eles eu sempre aprendi, aliás, há quem diga, com razão, que mestre é aquele que aprende e não aquele que ensina, essa é a visão de Paulo Freire.

Quero agradecer aos meus colegas da Universidade Federal da Bahia, dos bancos escolares, Pedro Barachisio, que está ali presente, já falei; aos meus colegas professores da Universidade Federal da Bahia; aos meus colegas da Justiça Federal e de outros órgãos onde trabalhei (o Instituto de Terras da Bahia, a Procuradoria Geral do Estado da Bahia, a Justiça Federal de primeira instância e de segunda instância); aos funcionários e funcionárias que comigo trabalharam e continuam trabalhando, eu não quero citar nomes, mas é inevitável citar o nome de Marlene Pinho, que está ali presente, que foi minha diretora de secretaria por 29 anos, símbolo de servidora, de retidão, de caráter, e de compromisso com o serviço público.

Ao povo da minha terra, ao povo baiano, todo o meu agradecimento, a começar, evidentemente, por minha querida Riachão do Jacuípe, e aqui estão presentes o vice-prefeito da cidade, alguns vereadores, e alguns amigos e parentes. Mas agradeço a todo povo baiano porque esta homenagem é dele. Agradeço a todo esse povo da Bahia que, na concessão, é representado por esta digna Assembleia Legislativa. Com todos e todas, eu compartilho esta comenda e digo a todos e a todas, do fundo do meu coração: meu máximo e eterno muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Euclides Fernandes): Convido para compor esta Mesa, registrando sua presença, o juiz de direito Eldsamir Mascarenhas.

Agora, concluindo esta sessão especial, vamos homenagear a nossa Bahia. Neste momento, ouviremos a execução do Hino da Bahia.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.)

O Sr. PRESIDENTE (Euclides Fernandes): O homenageado receberá os cumprimentos no Saguão Nestor Duarte, ao lado do Plenário, onde será oferecido um coquetel.

Senhoras e senhores, em nome do povo da Bahia, da Assembleia Legislativa da Bahia, agradeço a presença dos Srs. Deputados, das autoridades militares e civis presentes e dos amigos e familiares do homenageado

Declaro encerrada a sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.